

IGREJA, PROJECTO CULTURAL DE BELEZA

Num momento em que a Igreja em Portugal repensa a sua pastoral e pretende renovar a consciência missionária para promover uma nova Evangelização, ela deve colocar nas suas prioridades a elaboração dum autêntico projecto cultural que, entre outros desafios, implique a capacidade de reconhecer que a fé aceitou e promoveu uma autêntica encarnação, em variadas dimensões, através dos tempos.

E num pensamento “laico” urge estruturar um paradigma que provoque a incidência da fé no quotidiano da vida moderna, reconhecendo, ao mesmo tempo, que ela nunca foi desencarnada. Como tal, um caminho possível é através da beleza.

1. Da Beleza à Verdade

Se a verdade, defendida dum modo entusiasmado e persistente, acompanhou o peregrinar eclesial através do confronto com mentalidades e culturas diferentes, a beleza foi o modo de dar consistência e expressão visível ao edifício doutrinal. Produtora de cultura, no sentido intelectual, a Igreja foi sempre promotora e pioneira duma arte como expressão da fé e interpelação à capacidade de encontro do divino nas expressões de beleza.

A propósito, o teólogo Hans von Balthasar educa-nos para a beleza como “o todo no fragmento”. Uma beleza que é fruto da tensão dialéctica entre o sujeito e o objecto artístico. E uma beleza que gera a fé na salvação, pois ela é em si um fragmento do *todo* de Deus, da Sua Verdade, da Sua Redenção e do Seu Mistério. Algo que os ídolos mundanos não geram, pois eles “não se podem comparar, nem em beleza, nem em poder” ao Deus-transcendente, como nos relata o livro de Baruc (cf. Br 6,62).

Para isso, a Igreja, contextualizada num presente histórico inédito e desafiante, não pode esquecer o elenco constitutivo da sua essência que é a tradição. O Santo Padre, no encontro com o mundo da cultura no Centro Cultural de Belém, apresentou esta vertente como um dado a considerar dum modo permanente e estável:

“De facto, a cultura reflecte hoje uma «tensão», que por vezes toma formas de «conflito», entre o presente e a tradição. A dinâmica da sociedade absolutiza o presente, isolando-o do património cultural do passado e sem a intenção de delinear um futuro. Mas uma tal valorização do «presente» como fonte inspiradora do sentido da vida, individual e em sociedade, confronta-se com a forte tradição cultural do Povo Português, muito marcada pela milenária influência do Cristianismo, com um sentido de responsabilidade global, afirmada na aventura dos Descobrimentos e no entusiasmo missionário, partilhando o dom da fé com outros povos. O ideal cristão da universalidade e da fraternidade inspiravam esta aventura comum, embora a influência do iluminismo e do laicismo se tivesse feito sentir também. A referida tradição originou aquilo a que podemos chamar uma «sabedoria», isto é, um sentido

da vida e da história, de que fazia parte um universo ético e um «ideal» a cumprir por Portugal, que sempre procurou relacionar-se com o resto do mundo.

A Igreja aparece como a grande defensora de uma sã e alta tradição, cujo rico contributo coloca ao serviço da sociedade. Esta continua a respeitar e a apreciar o seu serviço ao bem comum, mas afasta-se da referida «sabedoria» que faz parte do seu património. Este «conflito» entre a tradição e o presente exprime-se na crise da verdade, pois só esta pode orientar e traçar o rumo de uma existência realizada, como indivíduo e como povo. Na verdade, um povo que deixa de saber qual é a sua verdade, fica perdido nos labirintos do tempo e da história, sem valores claramente definidos e sem objectivos grandiosos claramente enunciados.”

2. Património, expressão de Beleza

Mais do que nunca, torna-se imprescindível procurar e entrar nas nossas origens para um autêntico reencontro com o essencial que se foi expressando em coordenadas variadíssimas. O Património, enquanto expressão de beleza, é um destes elementos e descortinar a finalidade originária que o motiva, a evolução cronológica por que passou, pode ajudar a identificar-se com a história. Daí que, conhecer o património para consciencializar-se da riqueza interpelativa que encerra, pode ser um elemento estruturante dum projecto cultural que a Igreja em Portugal deve possuir. Conhecer pode significar recrear e recrear-se.

Para alguns será uma simples evasão do quotidiano no amargo dos seus dias. Outros, e particularmente os crentes, deveriam aproveitar para efectuar uma consistência intelectual e afectiva com uma fé que motivou o Património, colocando-se à escuta da mensagem oculta e recompondo-se a si mesmo nos seus critérios e opções. Conhecer não é curiosidade mas predisposição para dar consistência a uma convicção pessoal que encontra fora de si outras motivações.

Para que isto aconteça é necessário empenhar-se e comprometer-se em criar uma mentalidade, a que alguns apelidam de cultura activante. Da parte das comunidades - Paróquias, Santuários, Dioceses – importa investir, criando as condições que proporcionem um autêntico conhecimento. Importa acolher na responsabilidade de dar a conhecer em profundidade. Não basta disponibilizar! Compete corresponder às expectativas e, quem sabe, colocar-se para além destas expectativas. A nossa riqueza, como recordava o Santo Padre, é para “colocar ao serviço da sociedade” para que, conhecendo a “sã e alta tradição”, se questione sobre a verdade para a qual aponta.

Criar condições para dar a conhecer, significa que a Igreja Católica eduque para a vontade de conhecer e para uma fruição digna do homem, em geral, e do cristão, em particular. Este elemento falta muito na nossa missão evangelizadora. Criar gosto por conhecer o que nos antecedeu pode tornar a fé mais consistente. Impressiona a falta de curiosidade e muito menos de vontade em conhecer o nosso património que

caracteriza a vida dos cristãos. Impressiona um certo *analfabetismo cultural* em relação ao Património que nos está próximo. Não somos capazes de conhecer minimamente os tesouros que temos ao lado das nossas casas. Partimos dum pressuposto de quem conhece e nem sequer os elementos básicos conseguimos descrever.

Se há mais tempos livres, não é difícil ocupá-lo com atitudes cognitivas dum património que é nosso. Caímos na rotina dum estar nos mesmos lugares e não nos colocamos nesta vontade de conhecer. Não podemos desculpar-nos, como Igreja, destes comportamentos. Por vezes só sabemos o valor duma peça de arte da comunidade a que pertencemos, quando é roubada e a comunicação social a descreve com elementos valorativos que outros descobrem antecipadamente.

Este criar mentalidade para conhecer, num autêntico projecto cultural, supõe, entre outras coisas, a continuação na aposta dos Inventários. A comunidade deve conhecer – insisto no verbo – o que lhe pertence. Só o inventário permitirá que a comunidade não se prejudique através de roubos ou mesmo de oportunismos de pessoas, que enganam com demasiada facilidade sacerdotes e membros dos Conselhos Económicos. Por isso, é grande a responsabilidade em conhecer para preservar e poder fruir! E é uma grande falta de respeito ignorar esse património local, fruto do suor, das lágrimas e dos sacrifícios dos nossos antepassados na fé!

3. O cuidar da Beleza

Não entrando nos conteúdos destas jornadas, atrevo-me a lançar umas questões que considero essenciais. Dizia que conhecer é para fruir. Fruir com dignidade torna-se custoso e nem sempre as comunidades suportam as exigências mínimas para poder oferecer os valores artísticos e patrimoniais. Se aqui está a história do nosso povo, importa discernir os melhores caminhos para que a fruição se torne possível. Tudo deve ser feito com cuidado e com condições que garantam a segurança das peças. Em tempos de crise, levantar este aspecto pode parecer um ultraje aos mais pobres e necessitados. Porém, só quero deixar uma ideia que nunca pode ser desconsiderada.

Se há muito para organizar, muito já está devidamente ordenado em condições que nos dignificam, podendo-nos comparar com o que há de melhor no mundo. Ao promover esta mentalidade de interesse pelo património, devemos pedir a todos e às entidades estatais que colaborem connosco, de modo que o Património continue a ser devidamente tutelado, cuidado e com todas as condições para ser fruído.

Penso, concretamente, na situação dos nossos museus. Existem, mas o português não os considera essenciais e merecedores de uma visita a ocupar parte do seu tempo livre para se enriquecer. É um exemplo concreto. Manter um museu aberto é uma sobrecarga económica que exige muita ginástica financeira. Sentimo-nos no dever de dar a conhecer, os apoios quase que são nulos, as visitas são escassas: como

encarar o futuro destes espaços dispendiosos? A hipótese de os fechar não pode ser colocada de lado.

Nesta introdução já me alonguei demasiado quando deveria ficar no simples desafio, a efectuar pela igreja em Portugal, em apostar num verdadeiro projecto cultural onde o conhecimento e fruição do património continue a ser um factor a que todos – instituições, sociedade civil e indivíduos – prestem atenção. Fica um alerta na esperança de que prossiga a reflexão aqui, nesta cidade que vos acolhe com muito prazer, onde o património encontra diversas expressões, todas elas de importância singular.

Bom trabalho e, se possível, que o dia de hoje consolide ainda mais o trabalho, verdadeiramente ousado, que já estamos a realizar, orientando-nos para *novas responsabilidades*. Também aqui está a evangelização que, como sabemos, tem de passar por novas linguagens, sempre numa procura constante da beleza. Só interagindo com as variadas manifestações do saber, agir e sentir, conseguiremos que, no meio do pluralismo, não caiamos no risco de tornar insignificante e precário o que tem marcas de eternidade. Só um projecto cultural de beleza, como desafio à nova-evangelização da Igreja, o permitirá!

Auditório Vita,
18 de Outubro de 2011,
† Jorge Ortiga, A.P.